

XI ECOECO

VII Congreso Iberoamericano
Desarrollo y Ambiente

XI ENCONTRO NACIONAL DA ECOECO
Araraquara-SP - Brasil

DECRESCIMENTO, LUCRO E CAPITALISMO – UMA ANÁLISE SOBRE A POSSIBILIDADE E DESEJABILIDADE DO LUCRO EM UMA ECONOMIA DO ESTADO-ESTACIONÁRIO

Gabriel Trettel Silva (USP) - gtrettel@gmail.com

Pós-graduando em Ciência Ambiental - Instituto de Energia e Ambiente da USP

Daniel W. O'Neill (University of Leeds) - d.oneill@leeds.ac.uk

Economista Chefe do Centro pelo Avanço da Economia do Estado-Estacionário

Decrescimento, lucro e capitalismo – Uma análise sobre a possibilidade e deseabilidade do lucro em uma economia do estado-estacionário

Resumo

Questionamos em que medida a busca por lucro, como elemento fundamental e finalidade da atividade econômica nas sociedades capitalistas, é compatível com os princípios de uma economia de estado-estacionário (SSE). Discutimos a possibilidade e a deseabilidade de um "capitalismo de estado-estacionário" e sugerimos que a motivação do lucro cria dois grupos de problemas para a SSE: (1) acumulação de riqueza (e consequentes desigualdades e desequilíbrios de poder); e (2) priorização de retorno financeiro em detrimento das necessidades sócio-ambientais.

Sugerimos que o primeiro grupo de problemas pode ser atenuado por políticas redistributivas (impostos progressivos) e democratização econômica (incentivo a cooperativas). O segundo grupo apresenta maiores desafios, mas empresas sociais oferecem uma estrutura potencial para permitir que organizações priorizem objetivos sócio-ambientais. Enquanto as corporações de acionistas modernas têm sido descritas como "máquinas externalizadoras" (negativas), as empresas sociais poderiam representar "máquinas externalizadoras-positivas" e um caminho para redefinir o lucro em uma EEE.

Palavras-chave: lucro; capitalismo; economia do estado-estacionário; empreendimentos sociais.

Introdução

O decrescimento para uma economia do estado-estacionário (EEE) é proposto como meio de reduzir o consumo de recursos e energia a níveis adequados aos limites ecológicos melhorando a qualidade de vida humana. Alguns veem a EEE como fundamentalmente incompatível com as estruturas do capitalismo (Gorz, 1995; van Griethuysen, 2010; Harvey, 2010; Kallis, 2011; Kovel, 2007; Smith, 2010b), enquanto outros acreditam que o capitalismo pode ser compatibilizado com uma economia não pautada em crescimento (Daly, 1977; Jackson, 2009; Lawn, 2011; Porritt, 2007). Para contribuir neste debate, analisamos em que medida o lucro, elemento fundamental e finalidade da atividade econômica capitalista, é compatível com uma EEE a partir de duas perspectivas: da possibilidade e da deseabilidade da busca por lucro em uma EEE. Fazemos ainda sugestões sobre como mover tanto para além do crescimento como para além do lucro.

Possibilidade: lucratividade e termodinâmica

Smith (2010a) e Lawn (2011) debatem a possibilidade de um "capitalismo de estado-estacionário", tangenciando a questão do lucro em uma economia de recursos limitados. Smith (2010a, p. 31) afirma que a estrutura da corporação capitalista moderna, cujos proprietários obrigam executivos a priorizar o lucro, aliada à concorrência no mercado definem a lei: "crescer ou morrer". Lawn (2011 p.9) contesta que "lucrar ou morrer" é a verdadeira lei da sobrevivência e "lucrar não exige crescimento". Ele aponta dois modos para uma empresa aumentar sua lucratividade sem crescer: melhorando a qualidade dos produtos/serviços (vendendo a maior preço); e produzindo de forma mais eficiente.

No entanto, considerando leis termodinâmicas (conservação da matéria/energia e entropia), seria contraditório esperar lucros crescentes ou estáveis a longo prazo numa EEE, já que melhorias na produção devem inevitavelmente atingir limites termodinâmicos. Blauwhof (2012) e Li (2007) indicam que para lucrar sem aumentar o uso de matéria/energia seria necessário elevar constantemente a

produtividade do trabalho ou descolar o crescimento econômico de sua base física. Por outro lado, a ideia de descolamento absoluto é altamente criticada pela economia ecológica (Wiedmann et al, 2013; Næss & Høyer, 2009), enquanto a abordagem da EEE aponta para a otimização da produtividade do trabalho, e não seu aumento (Dietz & O'Neill, 2013; Jackson, 2009).

Assim, questões importantes permanecem sem resposta: o capitalismo é possível com lucros não-crescentes? Quais as consequências da impossibilidade de lucros crescentes numa EEE?

Desejabilidade: a busca por lucro e suas consequências

Questiona-se também a desejabilidade da busca por lucro em uma EEE. Alguns autores descrevem a desigualdade como consequências inevitáveis do imperativo capitalista do lucro. Para Van Griethuysen (2009), a expansão capitalista tem uma natureza circular, acumulativa e excludente. Daly e Cobb (1989, p.49) argumentam que "para os vencedores do ano passado é mais fácil vencer este ano. Vencedores tendem a crescer e perdedores a desaparecer ". E o que significa vencer em uma economia capitalista?

Nas economias capitalistas, a orientação pelo lucro prioriza o retorno financeiro em detrimento das necessidades socioambientais. O lucro é o principal parâmetro para corporações planejarem a alocação dos recursos disponíveis (Smith, 2010b; Gorz, 1995). Elas funcionam como "máquinas externalizadoras", exteriorizando cada custo possível para maximizar os lucros, agindo egoística e imoralmente, de forma análoga a psicopatas (Bakan, 2004). Por que então esperar que corporações com fins lucrativos se comportem de maneira diferente em uma EEE?

A eficiência promovida pelo mercado é, segundo Smith (2010a, p.41), "completamente oposta" à eficiência do ponto de vista social e ecológico, considerando apenas custos e benefícios monetários. A EEE necessita ir além, realizando considerações multicriteriais que incluam interesses socioambientais nas escolhas de alocação de recursos. Dessa forma, alternativas à priorização do lucro mostram-se necessárias para se atingir os objetivos da EEE.

Além do crescimento, além do lucro, além do capitalismo?

Identificamos duas categorias diferentes de efeitos indesejáveis da priorização do lucro: (1) a acumulação de riqueza (e conseqüente desigualdade e os desequilíbrios de poder); e (2) a despriorização das necessidades socioambientais.

Autores sugerem tributação altamente progressiva e a implementação de rendas mínima e máxima para reduzir a desigualdade (Daly, 1977; Dietz e O'Neill, 2013; Jackson, 2009). Essa tributação deve chegar assintoticamente a 100% e abranger formas de riqueza como terra e meios de produção, ajudando a tornar a tomada de decisão econômica mais equitativa. Ainda, Blauwhof (2012) propõe uma reforma para o rearranjo da propriedade das empresas de maneira democrática em cooperativas.

Porém, apesar de atenuarem os problemas do lucro relacionados ao acúmulo de riqueza, tais propostas não necessariamente desafiam sua posição como principal orientador da atividade econômica. Nesse sentido, as estruturas de negócios apresentadas por Dietz e O'Neill (2013) podem ser mais compatíveis com uma EEE: empresas sociais. Essas empresas têm uma estrutura legal que lhes permite perseguir primordialmente objetivos socioambientais, enquanto geram retorno financeiro como meta secundária. Alguns governos tem oferecido incentivos fiscais a tais modalidades de empreendimentos (Dietz e O'Neill 2013).

Como Johanisova et al. (2013) apontam, as empresas sociais são menos propensas a externalizar custos, pois seu objetivo final é dado em valor não-monetário. Elas indicam que uma empresa social pode não ser eficiente do ponto de vista puramente financeiro; por outro lado, se externalidades negativas fossem consideradas por corporações comuns, elas poderiam ser consideradas muito ineficientes.

Sugerimos que o modelo das empresas sociais pode oferecer diretrizes para lidar com os problemas decorrentes do lucro como prioridade na economia. Tais organizações visam alcançar eficiência socioambiental, e não a eficiência econômica para a qual o mercado está desenhado. Se Bakan (2004) descreve corporações modernas como "máquinas externalizadoras" (negativas), as empresas sociais

poderiam ser referidas como "máquinas externalizadoras positivas". Elas subvertem o próprio conceito de externalidade, uma vez que a produção de benefícios para uma comunidade não é estratégia nem consequência de seu comportamento, mas seu principal objetivo.

Conclusões

Sugerimos que a obtenção de lucro é possível até limites termodinâmicos, mas não é necessariamente desejável em uma EEE. Há contradições entre o lucro como finalidade para organizações e os objetivos da EEE. Deixar o mercado agir por conta própria após estabelecer limites para o uso de recursos não submeteria automaticamente a economia às necessidades socioambientais. Redefinir o conceito de eficiência (econômica) - como empresas sociais buscam fazer – é necessário para que a EEE possa superar a obsessão quantitativa, presente não apenas na busca por crescimento, mas também por lucro.

Referências

- Bakan, J. (2004). *The corporation: the pathological pursuit of profit and power*. London: Constable and Robinson.
- Blauwhof, F. B. (2012). Overcoming accumulation: Is a capitalist steady-state economy possible? *Ecological Economics*: 84 (2012) 254–261
- Daly, H. E. (1977). *Steady-State Economics*. Washington DC: Island Press.
- Daly, H., & Cobb, J. (1989). *For the Common Good: Redirecting the Economy Toward Community, the Environment, and a Sustainable Future*. Boston: Beacon Press.
- Dietz R., & O'Neill, D. (2013). *Enough is enough: building a sustainable economy in a world of finite resources*. London: Routledge.
- Gorz, A. (1995). *Capitalismo, Socialismo, Ecologia*. Madrid: Ediciones Hoac.
- Harvey, D., (2010). *The Enigma of Capital: And the Crises of Capitalism*. London: Profile Books.
- Jackson, T. (2009). *Prosperity without growth: economics for a finite planet*. London: Earthscan.
- Johanisova N., Crabtree, T., & Franková, E. (2013). Social enterprises and non-market capitals: a path to degrowth? *Journal of Cleaner Production*: 38 (2013) 7-16.
- Kallis, G. (2011). In defence of degrowth. *Ecological Economics*: 70 (2011) 873–880.
- Kovel, J. (2007). *The enemy of nature: the end of capitalism or the end of the world?* London: Zed Books.
- Lawn, P. (2011). *Is steady-state capitalism viable? A review of the issues and an answer in the affirmative*. *Annals of the New York Academy of Sciences*: 1219 (1), 1-25.
- Li, M. (2007). *Capitalism with zero profit rate? Limits to growth and the law of the tendency for the rate of profit to fall*. University of Utah Department of Economics Working Paper Series.
- Næss, P., & Høyer, K. G. (2009). The emperor's green clothes: growth, decoupling, and capitalism. *Capitalism Nature Socialism*, 20(3), 74-95.
- Porritt, J. (2007). *Capitalism: as if the world matters*. (revised ed.). London: Earthscan.
- Smith, R. (2010a). Beyond growth or beyond capitalism? *Real-World Economics Review*: 53, 28-42.

- Smith, R. (2010b). If Herman Daly has a better plan, let's hear it. *Real-World Economics Review*: 55, 120-123.
- van Griethuysen, P. (2009). Why are we growth-addicted? The hard way towards degrowth in the involutory western development path. *Journal of Cleaner Production*.
- van Griethuysen P. (2010). *Implementing Degrowth: An evolutionary economics perspective*. Barcelona: 2nd Conference on Economic Degrowth.
- Wiedmann, T. O., Schandl, H., Lenzen, M., Moran, D., Suh, S., West, J., & Kanemoto, K. (2013). The material footprint of nations. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 201220362.